



DANIEL OSIECKI

**SOB O SIGNO
DA NOITE**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
E. P.

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O82s OSIECKI, DANIEL. 1983-
SOB O SIGNO DA NOITE / DANIEL OSIECKI. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

94 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-007-7

I. CONTOS I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

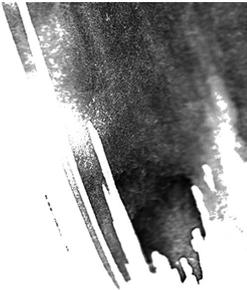
Marco Zero

O VELHO SE ARRASTA pela cidade. Atravessa a Praça Tiradentes aos trancos. Que espetáculo terrível da natureza humana, e eu assisto de camarote. Os olhos já não acompanham a velocidade dos carros que passam buzinando por ele. Ninguém para. Sai da rua, velho louco. Quer morrer, velhote? Se não pode andar fica em casa. Todo tipo de improperios são dirigidos a ele, mas a audição já não é um sentido presente neste resto de vida há muito tempo. Resto de vida. Será ainda um resto de vida? Ou a vida ali já acabou há muito? A mão direita não se mexe independente do braço, é uma garra, uma garra de animal selvagem. Talvez um AVC. A perna direita dura como pedra, seguindo a bengala segura pela mão esquerda. Quando finalmente consegue atravessar a Rua do Rosário, se apoia numa árvore, sem fôlego, com a respiração ofegante. Seus pulmões também estão praticamente nulos, já não duram muito tempo mais. Ele ainda caminha, mas não sabe que está vivo. Sai da rua, velho! Quando morrer, mas quando morrer definitivamente, provavelmente vai ser enterrado como indigente. Talvez seja levado para algum hospital ou necrotério de alguma universidade. A pele parece um

couro curtido dia após dia exposto ao sol escaldante. Em Curitiba agora faz calor o tempo todo. O velho lembra da famosa neve de 75. Há acontecimentos que não desapareceram por completo de sua memória, como o nascimento de sua filha, o nascimento de sua neta. Por onde será que elas andam? Parabéns pra você, parabéns pra você, muitas felicidades, muitos anos de vida. Viva a... Como eram os nomes delas? Era aniversário de quantos anos de sua filha? Ou de sua neta? Há quanto tempo não via as duas? Sua mulher já morrera há muito tempo, antes ainda dele viver nas ruas. O velho é um verdadeiro herói. Curitiba não possui herói, deveria ter agora. O velho da Praça Tiradentes. Dorme no marco zero. Nem pedir esmola pode mais. A fala já não existe. Nem movimentos das mãos. Alguns poucos reflexos da mão esquerda, mas para ganhar o pão de cada dia tem que deitar no chão ou se encostar em alguma parede, pois não consegue ficar de pé sem a bengala. Com muito sacrifício consegue atravessar a Barão do Serro Azul. Se arrasta importunando as pessoas que esperam ônibus no fim da tarde. Sai daqui, velho! Suma, aberração. Por que não morre de uma vez? De longe, bem de longe, talvez do fundo das eras, ouve o badalar do sino da catedral. Ele lembra de quando era criança e sua mãe o trazia para passear pelo centro. Sempre entravam na catedral. Ele ficava maravilhado com aquela estrutura imponente rodeada por ruelas escuras habitadas por sombras. Será sua memória o badalar do sino? Talvez. Chega

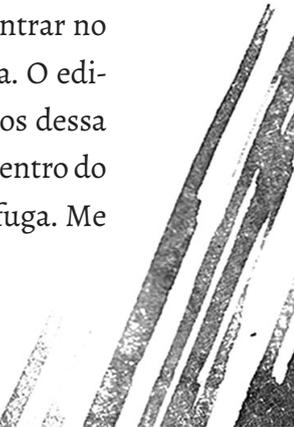
na Trav. Monsenhor Celso. O que resta de sua mão direita vai ao peito. Talvez uma pontada no coração. Será agora? Ainda não. É só alarme falso. Consegue chegar finalmente no lugar onde considera seu lar durante os últimos anos, Av. Marechal Deodoro da Fonseca, bem no centro de Curitiba. Dorme sempre em frente ao banco. Não consegue ver se o sinal para pedestres está vermelho ou verde, mas não importa, ele é dono daquelas ruas, faz parte delas, as sombras o guiarão. É no momento em que alguém, ao longe, fala algo, que ele recobra todos os sentidos que havia perdido, mas já estava no meio da rua, às seis da tarde. Já era tarde. Vê apenas um monstro amarelo bater direto em seu corpo, que é arremessado longe. No chão, sem dor alguma, com gosto de sangue e asfalto na boca, chora. Não de dor, tristeza ou qualquer tipo de pesar. Na verdade não sabe por que chora. Nem procura saber, pois logo, muito em breve, não saberá mais nada. Muitos rostos ele vê ao seu redor, um círculo de pessoas formado na sua rua, no seu lar. Ouve um choro distante. Será de sua filha? Talvez sua neta? Não é choro o que ele ouve. É o sino da catedral.

As duas vizinhas



QUANDO VI AS duas vizinhas no banco da frente meu sinal de alerta disparou: tenho que descer antes que elas me vejam; ou descer antes que elas percebam que eu as vi. É embaraçoso não podermos voltar pra casa tranquilamente, sem cumprimentos frios, só por conveniência. Eu só queria descer do ônibus o mais rápido possível e entrar logo no prédio, depois no elevador... Ainda havia o elevador! Eu ainda corria o risco de passar mais alguns segundos de constrangimento ao lado daquelas duas mulheres. Talvez irmãs. Não que eu as considerasse más pessoas, mesmo porque eu só havia trocado três ou quatro palavras desde quando elas se mudaram, mas esse tipo de interação social eu dispenso.

O ônibus estava parado no sinal, alguns metros antes da estação tubo Guadalupe, na qual eu desço todos os dias. Bem, se eu for rápido, dá pra sair do ônibus antes delas, sair do tubo, dar uma corrida e rapidamente entrar no prédio, que fica na Nilo Cairo. Uma quadra e meia. O edifício não tem porteiro, como a maioria dos edifícios dessa quadra, o que me dá menos tempo de ação. Ainda dentro do ônibus pego minhas chaves para adiantar minha fuga. Me



preparo para levantar, mas as duas vizinhas, antecedendo meus movimentos, levantam antes e ficam esperando na porta. Àquela hora o ônibus estava praticamente vazio. Uma delas me cumprimenta com discrição, e nesse momento não tenho mais como fugir, uma quadra e meia de puro constrangimento, mais a espera pelo elevador, mais os segundos dentro do elevador e finalmente a liberdade.

Descemos os três no tubo Guadalupe e voltamos uma quadra até a Nilo Cairo. Para tentar me acalmar e quebrar aquela tensão, pego um cigarro e, mesmo tendo isqueiro, peço fogo. Uma delas, a mais velha, me passa uma caixa de fósforos e ascendo o cigarro com dificuldade. Venta demais em Curitiba, penso. Devolvo os fósforos e trago profundamente. Me acalmo, mas ainda não aceito essa invasão de privacidade. Elas falam sobre o tempo, em como o centro ficou violento, o que fariam se ganhassem na loteria.

– Há duas noites, a Lurdes, aquela senhora do 501, foi assaltada por dois viciados aqui no terminal do Guadalupe.

Era um ensejo para continuar uma conversa, pois viciados era o que não faltava em nossa rua. Muito menos em nossa quadra.

– Levaram trinta reais e a sacola do mercado.

– Pois é, está terrível. Ficou difícil morar em Curitiba. Imagine, o que eles vão fazer com as compras dela?

– Trocam por pedra. Pra eles não vale nada. Só querem fumar essa porcaria.

Em alguns momentos da caminhada eu ameaçava acelerar o passo, mas era tarde. Eu já havia caído na armadilha da cordialidade. Minha vontade era de sair correndo, sem falar nada, simplesmente sair correndo e deixá-las pra trás. Chegando na Nilo Cairo viramos à esquerda. Só mais alguns metros estaríamos em frente ao prédio. Em baixo de uma marquise alguns mendigos se encolhiam e tentavam acender um isqueiro. A tentativa se repetiu diversas vezes, até que conseguiu acender seu cachimbo e passou ao rapaz do lado.

Finalmente chegamos. Deixei que elas entrassem primeiro. Como eu previra, tivemos que esperar o elevador por alguns segundos, e a mais velha continuava cuspidando suas banalidades em suas vítimas: eu e a menina mais nova. O elevador chegou e, cavalheiro que sou, deixei com que entrassem primeiro. Somos vizinhos de parede, portanto faríamos exatamente o mesmo trajeto até o sétimo andar. Que tortura. Coloquei a chave na fechadura e abri a porta quase ao mesmo tempo em que a vizinha mais velha. Noite atípica, pensei.

– Boa noite – disseram ambas, olhando pra mim.

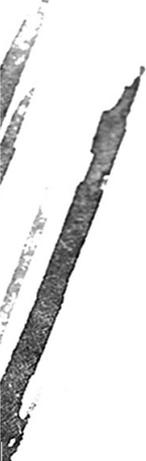
– Boa noite – respondi com um sorriso tentando parecer simpático.

Acabou, estava livre! Agora era sentar, ligar a TV, acender meu cigarro com meu próprio isqueiro e desfrutar minha liberdade. Mas, e amanhã? Se nos encontrássemos novamente no ônibus, no elevador, à porta de casa?



DANIEL OSIECKI

No elevador eu não podia evitar, mas no ônibus sim. Procurei na internet outras linhas que fizessem o mesmo trajeto ou algum trajeto semelhante. Descobri duas ou três linhas que me deixariam perto de casa, e a partir de amanhã meu caminho será outro. Talvez eu sinta falta delas.





www.editorapenalux.com.br

 danielliteratura@yahoo.com.br

 / [daniel.osieck.77](https://www.facebook.com/daniel.osieck.77)